

## Considerações sobre o bilinguismo dos Coloureds sul-africanos

### Considerations on the bilingualism of South African Coloureds

*Anderson Lucas da Silva Macedo* é doutor em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense e Universität Viadrina. Pesquisador do LABPEC (Laboratório de pesquisas em contato linguístico) – UFF.

Contato: andersonlucasm@gmail.com

#### Resumo:

O presente artigo se propõe a discutir conceitos de bilinguismo e bilinguagem a partir de pressupostos teóricos da Sociolinguística como os de Myers-Scotton (2006) e Paradis (2007). Embora esse tema tenha sido bastante explorado nas últimas décadas não só pela sociolinguística, mas pela psicologia e sociologia, nós trazemos a abordagem de Svedra (1994; 2009) que mostra a importância da observação da relatividade no fenômeno linguístico em questão. A partir de tal relatividade, trazemos alguns dos resultados da tese de doutorado (Macedo, 2023) que trata especificamente de um grupo étnico sul-africano conhecido como *Coloured*. Tal tese utilizou entrevistas com sul-africanos realizadas na Cidade do Cabo em 2022. Os *Coloureds* são um grupo étnico bilíngue em inglês e *afrikaans* e se concentram grandemente na província do Cabo Ocidental. O texto mostra que não é possível classificar, de maneira trivial, o bilinguismo dos falantes em questão devido aos diversos contextos familiares e sociais em que eles estão inseridos, gerando distintas proficiências e atitudes em ambas as línguas. O texto também se interessa em divulgar um grupo étnico pouco conhecido dos leitores brasileiros chamando atenção para a íntima relação entre língua e etnicidade.

Palavras-chave: Bilinguismo. Bilinguagem. África do Sul. Coloured. *Afrikaans*.



## Abstract:

This article aims to debate concepts of bilingualism and bilinguality based on theoretical assumptions from Sociolinguistics such as Myers-Scotton (2006) and Paradis (2007). Although this topic has been widely explored in recent decades not only by sociolinguistics, but also by psychology and sociology, we present Savedra's (1994; 2009) approach, which shows the importance of observing relativity in the linguistic phenomenon under discussion. Based on this relativity, we present some of the results of a doctoral dissertation (Macedo, 2023) that deals specifically with a South African ethnic group known as the Coloured. This dissertation used interviews with South Africans conducted in Cape Town in 2022. The Coloureds are a bilingual ethnic group in English and Afrikaans and are largely concentrated in the Western Cape province. The text points out that it is not possible to classify the bilingualism of the speakers in question in a trivial way due to the different family and social contexts in which they are inserted, generating different proficiencies and attitudes in both languages. The paper is also interested in promoting an ethnic group that is little known to Brazilian readers, drawing attention to the close relationship between language and ethnicity.

**Keywords:** Bilingualism. Bilinguality. South Africa. Coloured. *Afrikaans*.

## 1. Introdução

No artigo, pretendemos discutir o conceito de bilinguismo, que, embora já tenha sido explorado por sociolinguistas, sociólogos e psicólogos, ainda se mostra relevante devido à reconfiguração que o mundo presencia com o advento das revoluções comunicativas, movimentos migratórios e consequências inevitáveis da globalização (FLORY; SOUZA, 2009). Trazemos à discussão as ideias sobre bilingualidade defendidas pela professora e pesquisadora Mônica Savedra (1994; 2009). Segundo a autora, bilingualidade é um conjunto de estágios que compõem o bilinguismo e que variam de pessoa a pessoa.

Partindo dessa sustentação teórica, apresento um grupo étnico sul-africano, característico pelo seu bilinguismo em inglês



e *afrikaans*<sup>1</sup>, conhecido naquela sociedade como *Coloureds*. Os *Coloureds*, que assim foram classificados desde o começo do *apartheid*<sup>2</sup>, são indivíduos com uma ascendência étnica mista que teve seu início com a chegada dos holandeses (em 1652) à região hoje conhecida como Cidade do Cabo. Os holandeses, bem como outros europeus, geraram filhos com as mulheres indígenas *Khoisan*, dando início assim ao grupo étnico referido.

Bilinguismo e multilinguismo em um país como África do Sul é uma realidade e seus habitantes lidam com esse fenômeno de distintas maneiras. Nesse texto, queremos explorar como os falantes bilíngues *Coloureds* da chamada geração *born free*<sup>3</sup> lidam com tais questões. Os dados apresentados aqui fazem parte da nossa pesquisa de doutorado intitulada “Falo *Afrikaans*, mas não o *standard*: identidade étnico-linguística da geração *Coloured* pós-*apartheid* da Cidade do Cabo” (MACEDO, 2023) defendida pela Universidade Federal Fluminense em cotutela com a Europa-Universität Viadrina (Alemanha).

Este artigo será introduzido por um debate sobre bilinguismo e bilinguagem no qual algumas abordagens serão trazidas bem como críticas a essas. Destacaremos Savedra (1994) e suas posições e propostas sobre bilinguagem. Em seguida, apresentaremos de modo breve o grupo étnico *Coloured* a fim de que a leitura dos resultados possa acontecer de forma mais profunda. Finalmente, discutiremos, a partir de alguns trechos das entrevistas realizadas na Cidade do Cabo, como a questão do bilinguismo tem sido retratada pelos próprios bilíngues *Coloureds*.

## Bilinguismo e Bilinguagem

Myers-Scotton (2006) e Paradis (2007) afirmam que a maioria das pessoas no mundo são bilíngues e não monolíngues. Talvez para a realidade linguística brasileira<sup>4</sup>, na qual muitos indivíduos apenas falam e ouvem português em suas interações sociais, esse fato seja surpreendente. No entanto, em diversas regiões do mundo, como os países africanos, por exemplo, bilinguismo e plurilinguismo são a regra e o monolinguismo, exceção. Myers-Scotton (2006) ainda nos mostra que ser bilíngue é mais do que simplesmente “falar duas línguas”; ela nos convida a refletir sobre esse tema e tentar responder questões como “quais as implicações sociais em ser bilíngue?”, “os bilíngues são igualmente fluentes em ambas as línguas?” e “em que circunstâncias uma pessoa se torna bilíngue?”.

**1** O *afrikaans* é uma língua germânica que nasceu na África do Sul como resultado do contato linguístico entre o holandês levado pelos colonizadores, línguas indígenas *Khoisan* bem como as línguas de pessoas escravizadas da região da Cidade do Cabo. Hoje, a língua é reconhecida como uma das oficiais e é falada essencialmente pelos sul-africanos *Whites* e *Coloureds*.

**2** O *apartheid*, que é uma palavra em *afrikaans* que significa ‘segregação’, foi um regime de segregação racial implantado na África do Sul em 1948 pelo então primeiro-ministro Daniel François Malain. Essa nova legislação promovia separação entre as etnias (Branco, Negro, *Coloureds* e Indianos) e as colocava em áreas residenciais distintas, mesmo que isso implicasse remoções forçadas. O *apartheid* proibia o casamento entre pessoas de raças diferentes e a Lei da Imoralidade considerava sexo inter-racial uma infração.

**3** A geração *born free* ou também conhecida como pós-*apartheid* é caracterizada pelas pessoas que nasceram a partir de 1994, ano em que o *apartheid* terminou.

**4** Não desconsideramos o multilinguismo brasileiro, apenas chamamos atenção para o fato de que grande parte da população é exposta apenas ao português.



Ao refletirem sobre o tema, Flory e Souza (2009) afirmam que:

“Bilinguismo” representa uma infinidade de quadros diferentes, os quais remetem à esfera social, política, econômica, individual, à aceitação e valorização de cada uma das línguas faladas e das culturas com as quais se relacionam, à exposição e experiência com a língua, entre outros fatores (p. 28).

Segundo as autoras, a intensa internacionalização motivada pela globalização e o conseqüente crescimento industrial e comercial (que faz com que empresas tenham escritórios em diferentes países), bem como a chamada revolução das comunicações eletrônicas (especialmente a internet), reorganizaram as relações sociais. Somem-se a isso, os movimentos migratórios voluntários presentes em todo mundo; comunidades de estrangeiros em larga escala são uma realidade em muitas nações do mundo atualmente. Todo esse cenário tem proporcionado a necessidade de se falar mais de uma língua, fazendo com que o bilinguismo ou multilinguismo se mostrem não apenas como uma opção individual, mas como uma real necessidade comunicativa.

Ao longo dos anos, diferentes conceitos de bilinguismo têm sido apresentados à comunidade acadêmica e não existe um consenso a respeito (BUTLER; HAKUTA, 2004). A bibliografia desse tema é bastante vasta. Flory e Souza (2009) chegam a afirmar que “é possível encontrarem-se pesquisas com resultados bastante diferentes, até mesmo contraditórios” (p. 28). As manifestações de bilinguismo são muito variadas; por exemplo, um indivíduo pode falar e escrever bem uma língua, mas só entender outra. Já outro bilíngüe pode apresentar excelente compreensão e fala em ambas as línguas, mas ser incapaz de escrever uma delas. Pensemos em línguas de troncos bem diferentes como português e tailandês, ou inglês e japonês em que essas situações podem ser comuns.

Enquanto alguns autores afirmam que ambas as línguas precisam ter um nível altíssimo de fluência (semelhante a nativo) para alguém ser considerado bilíngüe, como Bloomfield (1933), outros não compartilham desse entendimento, concordando que basta conhecer o mínimo de léxico e estruturas linguísticas (o suficiente para uma comunicação razoável) para alguém ser classificado bilíngüe. Esses diferentes conceitos podem estar relacionados à nacionalidade e à cultura de quem os usa. Para as culturas monolíngües, como a estadunidense, ser bilíngüe pode soar exótico ou ser relacionado aos inúmeros imigrantes, mas para um moçambicano, por exemplo, não passa de uma



obviedade, uma trivialidade. Europeus geralmente aprendem uma segunda ou terceira língua como parte de sua formação escolar e acadêmica. Além disso, esses falantes estão habituados a ouvirem diversas outras línguas em seu cotidiano devido aos imigrantes que convivem com eles e também à proximidade com os países vizinhos.

Consideramos pertinente mencionar o bilinguismo individual, isto é, um falante de duas línguas, que é diferente do bilinguismo social. Nesse tipo, a sociedade em questão é bilíngue, como, por exemplo, o Paraguai (em espanhol e guarani).

Como o inglês nas últimas décadas tem se projetado como a “grande língua franca”, milhares de pessoas ao redor do mundo encontram motivação para aprender tal idioma. Saber inglês representa ser incluído em uma vasta comunidade internacional, cada vez mais conectada por várias relações internacionais, como ciência, negócios e turismo. O inglês se tornou a segunda (ou terceira ou quarta) língua de inúmeros indivíduos.

Myers-Scotton (2006) mostra que, salvo poucas exceções, a proficiência em ambas as línguas nunca é a mesma por dois motivos básicos: i) a exposição às duas (ou mais) línguas geralmente não é igual e ii) os falantes não usam as línguas na mesma frequência ou nas mesmas situações (o que Paradis [2009] chama de contexto sociolinguístico). Essas diferenças geram diferentes padrões na aquisição de cada língua, o que é refletido na fluência também de cada uma delas.

Em nossa viagem a Gana, em outubro de 2023, pudemos conversar com uma doutoranda ganense. Eu lhe perguntei quantas línguas ela fala. “Cinco”, foi a resposta direta dela. Ao questionar quando ela usava cada uma delas, a pesquisadora simplesmente afirmou que depende do interlocutor, do tópico da conversa e de seu estado emocional. Disse também que com uma mesma pessoa pode usar duas línguas na mesma conversa. Em outras palavras, não apenas o tema da conversa motiva escolhas linguísticas, mas os sentimentos envolvidos.

Savedra (2009) apresenta uma crítica ao fato de haver de tantos posicionamentos teóricos distintos acerca do bilinguismo. Segundo a autora:

Várias investigações sobre o tema são conduzidas sob diferentes enfoques, o que resulta em contribuições isoladas de determinadas disciplinas ou áreas específicas de estudo, de acordo com o objeto de seu interesse particular. (SAVEDRA, 2009, p. 122)



A autora enxerga o fenômeno do bilinguismo, que é um fruto do contato linguístico, como algo social. Concordo com o entendimento da pesquisadora, pois parto do princípio de que a língua não é um sistema homogêneo, como postulam os estruturalistas, mas é um fenômeno social e que é um dos recursos disponíveis para a produção cultural, como indica o linguista russo Bakhtin. Através da língua, um grupo consegue criar discurso entre a relação mundo/conhecimento.

Savedra (2009) considera o bilinguismo um fenômeno relativo. Cada indivíduo apresenta suas peculiaridades no que diz respeito à aquisição de cada língua, bem como manutenção e abandono de cada língua. Assim a autora propõe uma distinção entre bilinguismo e bilinguagem. A pesquisadora define bilinguismo como a coexistência de duas línguas como meio de comunicação num determinado espaço social. Por outro lado, bilinguagem representaria “os diferentes estágios de bilinguismo, pelos quais os indivíduos, portadores da condição de bilíngue, passam na sua trajetória de vida” (p. 127). Esses estágios podem ser classificados como fluidos e dinâmicos e se manifestam ao longo da vida dos bilíngues. Savedra defende que para estudar a produção discursiva desses indivíduos é preciso conhecer o estágio de bilinguagem em que estão no presente.

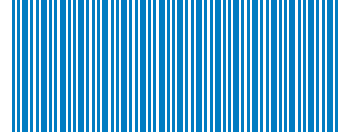
A coexistência de duas línguas em diferentes espaços sociais deve ser analisada segundo a condição particular dos indivíduos que se tornam bilíngues, caracterizada pelo contexto e idade de aquisição; pela variação de uso das línguas - função tópica - e, ainda, pela manutenção ou abandono das línguas em decorrência de fatores sociais e comportamentais, tais como família, grupo social, escolaridade e ocupações profissionais. A proposta é considerar a condição particular de indivíduos bilíngues de forma dinâmica, uma vez que ela se modifica na trajetória de vida dos indivíduos e assume diferentes contornos em relação ao domínio e à variação de uso de ambas as línguas (p. 128).

Em um outro texto, Savedra (1994) sugere que se considere a condição individual dos falantes bilíngues de forma relativa visto que a condição de ser bilíngue não é uniforme e deve ser observada de acordo com os diferentes estágios (uso das línguas em contextos diferentes, como o familiar, profissional, religioso etc.) de bilinguismo.

A relatividade proposta por Savedra (1994; 2009) pode ser exemplificada por Paladis (2007). Essa pesquisadora discorre sobre as crianças simultaneamente bilíngues<sup>5</sup> (do inglês, *simultaneous bilingual children*), que são aquelas têm experiências com

<sup>5</sup> Um outro tipo de bilíngue seria o “*sequential*”. Em outras palavras, aquele que não aprende (ou adquire) as duas línguas simultaneamente quando criança, mas aprende uma e depois, outra.





aquisição das línguas desde o nascimento ou antes dos 3 anos. A maioria dessas crianças começa a aprender essas línguas no contexto do lar onde os pais (nativos em diferentes línguas) interagem com as crianças. Essa situação se mostra extremamente variável porque, a depender da família, uma língua poderá ser mais usada do que a outra. Os pais podem usar apenas uma língua na comunicação entre si e a outra língua ser usada em situações menos frequentes. Um outro caso de bilinguismo é aquele em que a criança aprende, em casa, a língua falada pelos pais (podendo ser imigrantes ou não) e fora de casa (especialmente na escola) a língua da comunidade em questão. Como é possível constatar, o relativismo é, sem dúvidas, uma característica dos casos de bilinguismo.

Orientado pela perspectiva encontrada em Savedra (1994; 2009), proponho uma breve discussão sobre o bilinguismo e bilinguidade dos jovens *Coloureds* de *Cape Town*. Antes, no entanto, considero primordial apresentar aos leitores a referida etnia sul-africana. Nossa abordagem será social e demográfica e será suportada por autores pertencentes à própria etnia estudada.

### Os *Coloureds* sul-africanos

Devido ao regime político *Apartheid*, dois grupos étnicos ficaram internacionalmente conhecidos no contexto sul-africano: os *Blacks* e os *Whites*<sup>6</sup>. A luta pelo fim do sistema de segregação tomou enormes proporções e o fim desse sistema, com o começo do governo de Nelson Mandela, se tornou notícia em todos os países. Toda essa repercussão não abriu espaço para um outro grupo étnico presente na África do Sul: os *Coloureds*. Aliás, essa falta de reconhecimento, tanto interna como externa, tem sido uma crítica presente nas comunidades *Coloureds* por anos. Muitos sentem que eles não fazem parte dos principais debates políticos do país de acordo com os dados obtidos em nossa pesquisa.

Em termos simples, é possível afirmar que os *Coloureds* são os descendentes dos indígenas *Khoisan*<sup>7</sup>, que se miscigenaram com os europeus, asiáticos e africanos escravizados levados à região da Cidade do Cabo. A palavra *Coloured*, usada na África do Sul e em alguns países africanos, se refere a uma pessoa de ascendência multirracial. Essa mesma palavra pode ter uma denotação negativa em alguns países de fala inglesa, mas não é o caso da África do Sul. Anthonie (2009) explica que os *Coloureds* são pessoas que não são consideradas *White* ou *Black*. A autora também afirma que outros

6 Preferimos manter os nomes das etnias como elas são referidas na África do Sul por uma questão de respeito a esses grupos e para evitar possíveis traduções equivocadas.

7 Nome dados aos vários grupos indígenas da região do Cabo Ocidental sul-africano. São conhecidos por suas habilidades de caça e agricultura. Tiveram contato com os europeus que começaram o processo de colonização.



termos para esse grupo são *brown* e as palavras em *afrikaans kleurling* e *gekleurde* (ambas as palavras podem ser traduzidas por *Coloureds*). Termos depreciativos usados são *hotnot* e *boesman*; tais nomes foram dados aos indígenas *Khoisan* ainda no século XVII (p. 6).

O professor Adhikari, da *University of Cape Town*, faz uma apresentação com um cunho bastante social dos *Coloureds*:

Ao contrário do uso internacional, na África do Sul o termo '*Coloured*' não se refere aos negros em geral. Em vez disso, alude a um grupo fenotipicamente diverso de pessoas descendentes em grande parte de escravos do Cabo, a população indígena *Khoisan* e uma série de outros povos de origem africana e asiática que foram assimiladas pela sociedade colonial do Cabo no final do século XIX<sup>8</sup> (ADHIKARI, p. 144, 2006 – Tradução nossa).

O mesmo autor ainda afirma em uma outra publicação:

Os *Coloureds* são um grupo marginal na África do Sul, não apenas porque formam menos de dez por cento da população, mas também porque sua herança de escravidão, expropriação e opressão racial os deixou com poucos recursos econômicos e poder político<sup>9</sup> (Adhikari, p. 106, 1991 – Tradução nossa).

Em termos demográficos, segundo o censo de 2016, os *Coloureds* representavam cerca de 4 870 000 pessoas (9% da população sul-africana). É na província do Cabo Ocidental (*Western Cape*) onde se encontra a maioria dos membros desse grupo étnico. É justamente essa característica que torna essa região "atípica", a maior parte das pessoas desse país são *Blacks*, porém, na província em questão, a maioria é *Coloured*, o que não é presente em nenhum outro lugar do país (MUYEBA e SEEKINGS, 2010, p. 4).

Os *Coloureds* possuíram uma representatividade marginal durante todo o século XX, de acordo com Adhikari (2006). Muitos ainda manifestam possuírem esse sentimento de "estarem à parte", ou "entre dois grupos". Anthonie (2009, p. 48) nos mostra que "um estudo da relação entre identidade étnica, consciência étnica e autoimagem de diferentes grupos étnicos descobriu que os *Coloureds* não têm uma identidade étnica positiva compartilhada".

<sup>8</sup> Original em inglês: Contrary to international usage, in South Africa the term 'Coloured' does not refer to black people in general. It instead alludes to a phenotypically diverse group of people' descended largely from Cape slaves, the indigenous *Khoisan* population and a range of other people of African and Asian origin who had been assimilated into Cape colonial society by the late nineteenth century.

<sup>9</sup> Original em inglês: The Coloured people' are a marginal group in South Africa not only because they form less than ten percent of the population but also because their heritage of slavery, dispossession, and racial oppression has left them with little economic and political power.





## Sobre o bilinguismo dos *Coloureds born-free*

Nossa pesquisa de doutorado, como já mostrado, tratou de investigar, entre outros fatores, o bilinguismo (em *afrikaans* e inglês) dos *Coloureds* da geração pós-*apartheid*. Escolhemos trabalhar com os *born free* por pensar que essa geração se afastaria intencionalmente da língua *afrikaans* devido sua reputação de “língua do *apartheid*” e “língua do opressor”. Esse pressuposto, entretanto, não se confirmou, pois descobrimos que as variedades linguísticas dos *Coloureds* não se assemelham às variedades dos “*Whites* do *apartheid*” em termos lexicais, fonéticos e sintáticos. Além disso, segundo Dyers (2008, p. 55) o *Coloured Afrikaans* é certamente um dos maiores marcadores culturais do grupo citado.

Como caminho metodológico para a obtenção de dados, a técnica de entrevista foi selecionada por se mostrar a mais adequada para o tipo de pesquisa em questão, de acordo com pesquisadores como Hazen (2014) e Manzini (2004). As entrevistas aconteceram na Cidade do Cabo nos meses de julho e agosto de 2022, período este em que realizamos nossa pesquisa de campo.

As entrevistas, que podem ser classificadas como semiestruturadas, foram compostas por nove perguntas<sup>10</sup>. Queremos destacar a primeira, pois dela vieram os resultados mostrados neste texto: *How would you describe your linguistic background since you were a child? (Languages you used to speak at home, languages that your parents used to speak with you, languages you used to speak in school with teacher and classmates*<sup>11</sup>). Nosso objetivo era começar a conversa com o participante por meio de uma pergunta que não fosse complexa e difícil de ser respondida e que, ao mesmo tempo, pudesse situá-lo(a) sociolinguisticamente. As respostas foram capazes de revelar como a relatividade do fenômeno bilíngue é marcante nas narrativas obtidas.

Os participantes foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: i) identificar-se como uma pessoa *Coloured*; ii) falar *afrikaans* e ii) ter nascido a partir de 1994, ano do fim do *apartheid*. Antes da pesquisa de campo começar, exploramos diversos grupos de discussão virtuais no *Facebook* relacionados à cultura e à identidade *Coloured* da Cidade do Cabo. Dessa forma, conhecemos possíveis participantes para nossa pesquisa. Os sul-africanos se mostraram disponíveis a estabelecer comunicação conosco e nos deram bastante informação referente ao objeto do nosso

**10** Como o objetivo deste artigo é refletir sobre os fenômenos do bilinguismo da comunidade *Coloured*, não incluiremos as outras perguntas porque elas tratam de outros temas. Caso o leitor se interesse pela nossa pesquisa, poderá encontrar nossa tese de doutorado em: [https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/30419/Tese versão final Anderson Macedo %281%29.pdf?-sequence=1&isAllowed=y](https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/30419/Tese%20vers%C3%A3o%20final%20Anderson%20Macedo%20.pdf?sequence=1&isAllowed=y)

**11** Como você descreveria seu histórico linguístico desde criança? (línguas que você costumava falar em casa, línguas que seus pais costumavam falar com você, línguas que você costumava falar na escola com o professor e os colegas de classe).



estudo. Além disso, enviamos e-mails para alguns professores de universidades na cidade referida pedindo que nos colocassem em contato com alguns de seus alunos. As duas estratégias foram exitosas, já que pudemos agendar entrevistas enquanto ainda estávamos no Brasil. Entrevistamos 17 pessoas; as conversas foram gravadas (com a devida autorização) e depois transcritas e analisadas.

Os 17 entrevistados afirmaram ser bilíngues em *afrikaans* e inglês e, segundo as narrativas ouvidas, os níveis em proficiência em ambas as línguas são variáveis. Os trechos das entrevistas a seguir relatam bem como essa bilingualidade é identificada nos jovens participantes:

- (1) Linguisticamente, eu fui criada bilíngue, então eu falo fluentemente inglês e *afrikaans*. O nível do meu inglês eu diria que é bastante avançado. Meu nível de *afrikaans* seria de intermediário para avançado. Mas não avançado demais, eu consigo me virar (Informante 17 F).
- (2) Meus pais falavam comigo, eles falavam comigo em inglês, mas falavam entre si em *afrikaans* e inglês. Eu diria que em casa eu falava inglês e não *afrikaans* realmente (Informante 18 M).
- (3) Ao crescer você se acostuma com a língua *afrikaans* e meus pais, meus pais eram “principalmente em inglês” perto de mim (Informante 2 M).
- (4) Eu tenho um *background* bilíngue. Minha mãe fala, a primeira língua dela é *afrikaans/kaaps* e meu pai fala inglês. Então no nosso lar essas línguas eram usadas durante a minha criação. Eu falo inglês na maior parte do tempo, o tempo todo, mas eu entendo o *afrikaans* e *kaaps* escrito e falado (Informante 12 F)

Como podemos verificar nos trechos apresentados, os falantes *Coloureds* foram expostos ao inglês e ao *afrikaans* desde crianças; as duas línguas eram faladas no contexto familiar. Em (1) a participante acredita ter mais fluência em inglês, mas também se considera habilidosa em *afrikaans*. Já em (2), o entrevistado cresceu num ambiente mais centralizado na língua inglesa, o que se relaciona com o trecho (4); tal fato foi encontrado em outras entrevistas também.

Retornando aos estudos de Savedra (1994), a autora apresenta três situações que originam uma condição bilíngue:

**A.** Duas línguas adquiridas ao mesmo tempo, o que resulta em duas primeiras línguas: L1a + L1b.



B. Uma língua adquirida depois da outra (antes de a primeira ter sido maturacionada): L1 + L2.

C. Uma língua adquirida depois da outra (que já foi maturacionada): LM + LE (língua materna + língua estrangeira), ou LM + LA (língua materna + língua alvo).

Baseados na proposta apresentada acima, podemos afirmar que nossos entrevistados se enquadram no contexto (a): adquiriram o inglês e o *afrikaans* simultaneamente. Esses falantes de famílias bilíngues nos contaram que tiveram contato com o *afrikaans* desde que eram crianças seja pelos pais e/ou avós, seja pelos vizinhos, e assim foram, gradativamente, tornando-se familiarizados com essa língua germânica. A depender do bairro onde cresceram, havia uma maior ou menor motivação social para usá-la. Em bairros da região conhecida como *Cape Flats*<sup>12</sup>, por exemplo, o *afrikaans* é bastante falado. Não acreditamos, pelo que nos foi contado, que os participantes tiveram o inglês maturacionado antes da aquisição do *afrikaans*.

Notamos que a maioria dos informantes demonstrou preferência em afirmar que usam mais a língua inglesa e que sua primeira língua também era o inglês. Tais indicações nos levaram a profundas reflexões a respeito desse tipo de bilinguismo. Se os entrevistados foram criados em lares onde os pais, os avós e vizinhos falavam *afrikaans*, se o contexto proporcionava o uso dessa língua, por que afirmar o inglês como primeira língua? Sugerimos que o papel social e o prestígio que o inglês<sup>13</sup> possui na África do Sul sejam fatores influenciadores de tal posicionamento. É fundamental esclarecer que as variedades<sup>14</sup> de *afrikaans* usada pelos os *Coloureds*, como explica Stell (2011) e Macedo (2023), se afastam das variedades faladas pela população *White*. Essas variedades *Coloureds* têm sido rotuladas negativamente na sociedade sul-africana como língua de humor, de informalidade e de pouco instrução educacional (MACEDO, 2023). Identificamos nas entrevistas os seguintes adjetivos para descrever as variedades *White* de *afrikaans*: formal, gramatical, puro, padrão, já os termos usados na descrição do *Coloured afrikaans* foram: informal, de cozinha, coloquial. A escolha desses adjetivos é bastante reveladora no que diz respeito a como a sociedade enxerga as duas variedades, uma vez que as palavras relacionadas às variedades *Coloureds* são menos positivas do que as palavras utilizadas na referência à variedade *White*.

**12** *Cape Flats* é uma região na Cidade do Cabo onde a maioria dos *Coloureds* reside e, conseqüentemente, o lugar onde se concentram as variedades de *afrikaans* por eles faladas.

**13** Estudos como o de Dyers (2000; 2008) e Anthonissen (2009) relatam o atual prestígio e *status* que a língua inglesa disfruta na África do Sul. Com o término do *apartheid*, a variedade *White* de *afrikaans* começou a experimentar gradativamente um declínio cedendo lugar ao inglês, visto como a língua das oportunidades profissionais e educacionais.

**14** Uma das variedades linguísticas do *afrikaans* falada pelos *Coloureds* tem sido chamada pela Literatura de *kaaps*. O *kaaps*, ao contrário das variedades *Whites*, recebe muito influência lexical e sintática do inglês. Além disso, esse falar está associado por muitos a atividades criminosas, o que, segundo os entrevistados é uma relação preconceituosa e pouco fundamentada.



É importante mencionar que a variedade *White* de *afrikaans*, chamada por muitos de *standard afrikaans* é reconhecida como a “mais correta” e “mais aceitável”. Nos anos do apartheid, era essa variedade que era usada pelo governo, pela educação, pela televisão e em outros contextos importantes para a sociedade. À sombra dessa variedade, estavam as variedades dos *Coloureds*, reconhecidas como “incorretas” ou “informais”.

Defendemos a ideia de que a afirmação do inglês como primeira língua seja uma relação que esses falantes têm entre primeira língua e língua de instrução escolar. Como foi possível observar ao longo de nossas entrevistas, nossos participantes frequentaram *English schools*<sup>15</sup>, isto é, escolas que utilizam inglês como língua de ensino. Os pais e responsáveis por crianças *Coloureds* têm mostrado preferência em matriculá-los em escolas em inglês e não em *afrikaans*. A respeito desse assunto, nos explica Anthonissen (2009):

A escolha de criar os seus filhos em inglês foi feita sobretudo no nascimento dos mais velhos, o que resultou numa prática de pais que falam *afrikaans* uns com os outros, mas inglês com os seus filhos. A maioria das crianças compreende bem o *afrikaans* (...) A fluência em inglês é entendida como uma vantagem, uma vantagem que melhorará a mobilidade social e as oportunidades de emprego<sup>16</sup>. (p. 70 – Tradução nossa).

Dito isso, mais uma vez, vimos a concordar com as opiniões de Savedra a respeito da relevância de se observar o preceito da relatividade linguística no que tange ao bilinguismo. Quando perguntamos a uma jovem informante qual era o tipo de conversa, ou tópico, que ela mais gostava de falar em *afrikaans*, obtivemos a seguinte resposta:

(5) Não, não necessariamente. Eu amo falar kaaps quando eu quero me expressar então pode ser qualquer coisa que eu goste muito e é assim que eu me expesso (...) mas eu realmente queria falar melhor, o *afrikaans*, assim seria proficiente nas duas línguas (Informante 4 F).

Mesmo declarando ter habilidades linguísticas mais apuradas em inglês, a informante parece ter também certa fluência em *afrikaans* a ponto de poder falar sobre elementos positivos de seu mundo a outras pessoas. Essa não é uma informação trivial; a informante declara ser capaz de comunicar seus pensamentos e emoções em *afrikaans* em diversos contextos comunicativos. Sobre não dominar duas línguas de maneira equivalente, Myers-Scotton (2006, p. 3) constata que “ser bilíngue” não implica o

**15** Importante mencionar que as *English schools* mencionadas oferecem também a disciplina *afrikaans*, que é ministrada nessa língua.

**16** Original em inglês: Mostly the choice to raise their children in English was taken at the birth of the eldest, which resulted in a practice of parents speaking Afrikaans to one another, but English to their children. The children mostly understand Afrikaans well (...) Fluency in English is perceived to be an advantage, an asset that will improve social mobility and employment opportunities.



domínio completo de duas línguas, conforme mostrado no começo deste texto. Além disso, os falantes raramente são igualmente fluentes em duas línguas”. Alguns participantes manifestaram o desejo de falarem o *afrikaans* com a mesma habilidade/rapidez com que falam o inglês.

## 2. Considerações finais

Neste artigo, refletimos sobre o bilinguismo mostrando como diferentes definições têm sido trazidas por sociolinguistas e outros cientistas ao longo das últimas décadas. Abordamos o fato de a reconfiguração mundial impulsionar o bilinguismo em diversas comunidades. Trouxemos a proposta de SAVEDRA (1994; 2009) a respeito da bilinguagem como um estágio componente do bilinguismo.

Aplicamos tais abordagens teóricas na observação do bilinguismo do grupo étnico *Coloured* da Cidade do Cabo. Mais especificamente, os *Coloureds born free*, isto é, nascidos a partir de 1994, ano em que o apartheid terminou. Os *Coloureds* são predominantemente bilíngues em inglês e *afrikaans*. De acordo com o professor Adhikari (1991), os *Coloureds* experimentam uma situação de estarem socialmente sempre entre os *Whites* e *Blacks* e nunca protagonizando discussões políticas decisivas para o país nem participando dos principais programas sociais do governo.

Mostramos como os jovens *Coloureds* apresentam predileção a afirmarem que usam mais o inglês do que o *afrikaans*, embora façam parte de comunidades onde ambas as línguas são faladas. Levantamos ideias e sugestões para explicar essa preferência baseado nas leituras e experiências que tive na cidade em questão.

Debater os diferentes tipos de bilinguismo na atualidade se faz necessário, visto que inúmeras comunidades bi/multilíngues têm composto novos cenários ao redor do mundo por diversas razões (ressaltamos os movimentos migratórios). Investigar os casos específicos e como o bilinguismo reflete a realidade linguística local é papel não só da sociolinguística, mas da pedagogia, sociologia, entre outras ciências, uma vez que esse fenômeno linguístico envolve relações sociais, relações de poder, além de se relacionar com questões identitárias, culturais e intelectuais.



## REFERÊNCIAS

ADHIKARI, Mohamed. Between Black and White: The History of Coloured Politics in South Africa. *Canadian Journal of African Studies*, v. 25, n. 1, p. 106-110, 1991.

ANTHONISSEN, Christine. Bilingualism and language shift in Western Cape communities. *Stellenbosch Papers in Linguistics PLUS*, v. 38, 2009, pp. 61-76.

BLOOMFIELD, L. *Language*. London: Allen and Unwin, 1933.

BUTLER, Yuko G.; HAKUTA, Kenji. Bilingualism and Second language Acquisition. In: BHATIA, Tej K.; RITCHIE, William C. *The Handbook of Bilingualism*. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2004.

DYERS, Charlyn. Language shift or maintenance? Factors determining the use of Afrikaans among some township youth in South Africa. In: *Stellenbosch Papers in Linguistics*, Vol. 38, 2008. pp. 49-72.

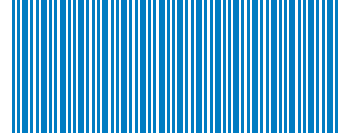
FLORY, Elizabete V.; SOUZA, Maria Thereza C.C. Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações. *Revista Intercâmbio*, volume XIX: 23-40, 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x

MACEDO, Anderson Lucas. *Falo Afrikaans, mas não o standard: identidade étnico-linguística da geração Coloured pós-apartheid da Cidade do Cabo*. 2023. 253 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: *Seminário Internacional sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos*, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Anais... Bauru: USC, 2004. CD-ROM. ISBN:85-98623-01-6. 10p.

MUYEBA, Singumbe; SEEKINGS, Jeremy. Inter-racial attitudes and interactions in racially-mixed low-income neighbourhoods in Cape Town, South Africa. *CSSR Working Paper*, n. 275, 2010.





MYERS-SCOTTON, Carol. *Multiple Voices: An Introduction to Bilingualism*. Oxford: Blackwell Publisher, 2006.

PARADIS, Johanne. Early bilingual and multilingual acquisition. In: KNAPP, Karlfried; ANTOS, Gerd. *Handbook of Multilingualism and Multilingual Communication*, Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.

SAVEDRA. Mônica.; *Bilinguismo e bilingualidade: uma nova proposta conceitual*. In: SAVEDRA. Mônica; SALGADO, A.C.P. (Orgs.) *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. pp. 121-140.

SAVEDRA. Mônica. *Bilinguismo e bilingualidade: o tempo passado no discurso em língua portuguesa e língua alemã*. Tese de doutoramento. 436 f. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.

Recebido em: 31/10/2023

Aprovado em: 01/12/2023

